corpo a corpo

Marcos Visnadi*

Resenha de Antologia da poesia erótica brasileira, organizado por Eliane Robert Moraes. Cotia, SP: Ateliê, 2015.

Capa

Um soneto oculto por caneta preta de censor. As faixas se destacam sobre um fundo vermelho alaranjado que se repete no miolo, ritmado em páginas e tipografia, entremeadado por ilustrações. São idas e vindas, aberturas e fechamentos, entradas e saídas, uma transa para os olhos. Que tudo seja inaugurado pelas faixas proibitivas faz parte da experiência sensória desse *strip-tease*, ligada à não tão longínqua prática de cobrir com tarjas e sacos pretos as capas de livros pornográficos, assim como os mamilos de mulheres nas redes sociais. O jogo – entre a cor vibrante e a letra oculta, o proibido e o explícito – é constitutivo do erótico (brasileiro?), que tem na censura uma cicatriz dolorosa, mas também motivadora. Bote na conta do patriarcado, do colonialismo, da escravidão, da violência estatal, e faça o exercício de ver o copo meio cheio, a alegria é a prova dos nove. (Na capa da edição portuguesa, por contraste, se insinua outro erotismo, talvez mais pra gringo ver: metade de um mamão papaia aberto, dado, suculento.)

Prefácio

O erotismo não tem bibliografia básica, ainda bem, nem texto fundador, nem é conceito ou noção definível, já que se define justamente pela variedade e pelo transbordamento. Em “Da lira abdominal”, a organizadora da antologia apresenta seu trabalho de seleção extraindo dos próprios poemas selecionados contornos possíveis do erotismo literário. Tratando-se de pesquisadora há tantos anos dedicada ao tema e ao *corpus*, o texto acaba se tornando, mais do que um prefácio, bibliografia básica para quem

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. E-mail: marcosvisnadi@gmail.com.

quiser se enfiar nessas matérias, e é um bonito fruto do entrecruzamento entre os olhares da pesquisa acadêmica, da edição textual e da leitura apaixonada. Mais uma acepção para a cor de tijolo da capa: esse livro é pedra angular.

Miolo

O imaginário é um edifício vaporoso. São quatro séculos de texto em linearidade cronológica produzidos nisso que a gente se habituou a chamar de Brasil. Aqui outra vez um jogo – entre a lógica dos anos e a mucosa quase amorfa dos poemas, organizados também cronologicamente em nomes de poetas que não se repetem mais que duas ou três vezes, como se não tivéssemos, de cada autoria, mais que o vislumbre de meio mamilo, ao mesmo tempo que todxs em fila nos oferecem a visão panorâmica de um grande cabaré. O excesso enciclopédico, quinhentas páginas, quatro de sumário, mais referências e notas biográficas, ilustração, introdução e orelha, tudo a que um livro tem direito, tudo transbordando um recorte diminuto, inclusive simples: o sexo.

Não tem nada de simples no que se mostra. O ritmo descontínuo dos versos e das cores das páginas dá espaço a buracos na leitura, com interrupções que adiam o gozo melhorando-o, porque gozo também é falta, quebra de expectativa, desejo surpreendido. A passagem abrupta do tom grave ao frívolo ou do escrachado ao alusivo, por exemplo, pode dar à imaginação mais o que fazer, e seria bom que nos lembrassem de perguntar (e de querer): o que ficou de fora? Por onde continuar, a partir daqui?

Como convite ao ausente, o livro faz pensar em textos perdidos (à moda dos poemas de “Anônimos” metidos safadamente entre os nomes e sobrenomes antologizados), obliterados (como o soneto censurado

da capa) ou barrados no baile. Para este último caso, quais seriam as descobertas de uma leitura comparada com a *Pretumel de chama e gozo: antologia da poesia negro-brasileira erótica* (São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015) ou com a *Antologia trans* (São Paulo: Invisíveis Produções, 2017), por exemplo? Com um corpo majoritariamente branco, hétero, cisgênero e masculino, a *Antologia da poesia erótica brasileira* também oferece, no contrapelo de sua descontinuidade, um retrato do cânone brasileiro tal como ele se formou, mas de calças arriadas. É um retrato, por assim dizer, dos fundilhos do Brasil.

Ilustração

Num volume tão robusto, é divertido que possam surgir tantas cavernas, e os desenhos de Arthur Luiz Piza não me deixam mentir sozinho: suas figuras humanas são simultaneamente encorpadas, gordas, maciças – e leves, airadas, vazadas. Entre corpos mutilados, bichos e objetos, as pessoas estão num prazer que é, no limite, monstruoso. E o monstro é uma delícia.

Quarta capa

Eis um livro que não se fecha.